Recebido em 18/02/2019. Aceito em 29/04/2020.

A MODELIZAÇÃO DO GÊNERO "COMENTÁRIO ARGUMENTATIVO DO FACEBOOK"

THE MODEL OF THE GENRE "FACEBOOK ARGUMENTATIVE COMMENT"

Daniele Conde Peres Resende[1]

Rodrigo de Souza Poletto[2]

Eliana Merlin Deganutti de Barros[3]

RESUMO: Desde 1822, a diversidade racial e étnica predominou nos debates relacionados com a identidade nacional brasileira. No âmbito literário, a mistura racial dominou os discursos intelectuais e influenciou a produção literária. Os escritores da época começaram a buscar as causas do atraso econômico do Brasil em relação aos países desenvolvidos. Aluísio de Azevedo, um dos mais proeminentes escritores do naturalismo brasileiro, também parecia preocupado com o subdesenvolvimento brasileiro. Isso se nota em *O cortiço*, uma das narrativas mais importantes de Azevedo. Neste contexto, o objetivo deste estudo é analisar o que para Azevedo poderiam ser as possíveis causas do subdesenvolvimento brasileiro. Se conclui que em *O cortiço* existe uma forte conexão entre o desenvolvimento econômico do país e a raça branca, assim como existe uma relação entre o subdesenvolvimento e a miscigenação, representados respectivamente por Portugal e os personagens brancos do sexo masculino e pelo Brasil e as personagens femininas mestiças. Os casais Romão/Bertoleza/ e Jerônimo/ Rita simbolizam a antiga organização econômico-social colonial demonstrando que apesar do Brasil ser politicamente independente de Portugal o modelo econômico colonial persiste.

1 É mestre em Ensino pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (2019) e pós-graduada em Ensino de Língua Inglesa pela Universidade Estácio de Sá (2019). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Inglesa, atuando principalmente no ensino de língua inglesa por meio de gêneros textuais.

2 Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP de Assis, Mestrado e Doutorado em Ciências Biológicas (Botânica) pela UNESP de Botucatu. Atualmente é professor na graduação e no Curso de Mestrado Profissional em Ensino e no Mestrado em Agronomia da Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP.

3 Possui graduação em Letras/Anglo pela Universidade Estadual de Londrina (2005), especialização em Metodologia do Ensino Superior pela Unopar (2007) e mestrado (2008/bolsa CAPES) e doutorado (2012/bolsa CAPES) em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina. É professora adjunta da Universidade Estadual Norte do Paraná (UENP/Cornélio Procópio), atuando na Graduação em Letras Português-Inglês, na especialização em Ensino da Língua Portuguesa (EAD), no Mestrado Profissional em Letras, PROFLETRAS e no Mestrado em Ensino (PPGEN).

PALAVRAS-CHAVE: Ensino. Gêneros textuais. Modelização didática de gêneros. Gênero textual "comentário argumentativo do Facebook".

ABSTRACT: This paper is a part of a Master research-action developed on high school level, that aimed the implementation of a didactic sequence of genres to the English Language teaching, that it had as teaching object the text genre "Facebook argumentative comment". On this work, we presente the didactic model process of this genre, that was result of a bibliographic and documental analysis, from which it was possible to identify basically two types of the genre "Facebook comment", but we focused on the argumentative one, by affording more opportunities of debating polemic subjects with students and, this way, approximating the communicative need to their reality. It is expected this paper gives support to the elaboration of didactic materials that encompass the genre, including those that are on social medias and that have a great proximity of the teenagers, as object/instrument of the language teaching, as the foreign as the maternal one.

KEYWORDS: Teaching; Text Genres; Didactic model of genres; "Facebook argumentative comment" text genre.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como pano de fundo uma pesquisa-ação realizada em um colégio particular de Bandeirantes/PR, com uma turma seriada de 1º e 2º anos do ensino médio, na disciplina de Língua Inglesa (LI). A pesquisa foi centrada na metodologia das Sequências Didáticas de Gênero (SDG), tendo como objeto de ensino o gênero textual "comentário argumentativo do Facebook". A escolha por esse gênero se deu pelo fato deste ser de teor argumentativo e circular em ambiente social de grande proximidade dos jovens, sendo que, na maioria das vezes, não é tomado como objeto de ensino, nem mesmo no âmbito da língua portuguesa. Essa pesquisa partiu da crença de que o ensino da língua deve centrar-se no desenvolvimento de capacidades de linguagem do aluno, a partir da apropriação de práticas linguageiras (re)configuradas em modelos textuais tipificados, ou seja, em gêneros textuais.

Bakhtin (1997), ao definir os gêneros como "formas relativamente estáveis de enunciados", associa-os aos estilos de linguagem, revelando uma gama de estilos de gêneros de determinados contextos sociocomunicativos. Isso leva a entender a plasticidade desses artefatos linguageiros, que estão sempre em permanente modificação, pois derivam não só das transformações das atividades sociais, mas também das transformações introduzidas pelos próprios produtores. Assim sendo, é só de um ponto de vista teórico que podemos falar em modelos de gênero que, para Pietro et al. (1996) são fundamentais para a sustentação da metodologia das SDG, a qual parte da construção prévia de um modelo didático do gênero, que possa a direcionar a construção sequencial das atividades didáticas. Para esses autores, não é necessária uma construção rígida destes modelos, abrindo-se, assim, possibilidades para utilização de diversas referências tanto teóricas quanto aquelas obtidas pela observação e análise de práticas sociais que envolvem o gênero, juntamente com especialistas na sua produção. Nesse ínterim, Bakhtin (1997) já salienta-

va que a natureza dos enunciados/gêneros deve ser estudada para que fique clara a sua formação histórica, a correlação entre língua, ideologia e visões de mundo.

A partir dessa problematização inicial, é apresentado, neste artigo, o processo de modelização didática do gênero "comentário argumentativo do Facebook", que compreende uma pesquisa bibliográfica, com fontes tanto de especialista dos Estudos da Linguagem como da área de Comunicação, além de uma análise de um *corpus* textual representativo do gênero.

1 A MODELIZAÇÃO DIDÁTICA DO GÊNERO "COMENTÁRIO ARGUMENTATIVO DO FACEBOOK"

Para a realização da modelização didática do gênero "comentário argumentativo do Facebook" buscou-se, com profundidade, bases epistemológicas de vários autores para fundamentar este trabalho, que serão apresentadas a seguir.

1.1 OS SABERES DE REFERÊNCIA RELACIONADOS AO GÊNERO EM FOCO

Segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), o primeiro passo na construção de um modelo didático é a busca por especialistas do gênero: pesquisadores que já estudaram-no por um ponto de vista teórico ou metodológico. E é justamente esta etapa que esta seção aborda.

Em relação ao gênero "comentário argumentativo do Facebook", foco desta pesquisa, não foi encontrada nenhuma pesquisa que o tomasse especificamente como objeto de descrição ou estudo. Isso porque, como "gênero virtual", ele é relativamente novo, embora o comentário seja um enunciado bastante conhecido tanto no campo da conversação cotidiana, como na produção jornalística (tanto escrita como oral). Na verdade, como já ressaltava Bakhtin (1997) e Marcuschi (2008), os "novos" gêneros não são criações "puras", pois sempre buscam referência de outras práticas linguageiras existentes; eles se interpenetram para darem conta dos novos propósitos comunicativos e de novos contextos de comunicação. Assim acontece com os comentários com teor argumentativo das postagens em redes sociais, foco deste trabalho. Eles são, na realidade, uma reinvenção dos comentários conversacionais e do mundo jornalístico. Em relação à denominação do gênero, assim como salienta Marcuschi (2008), ela não é uma invenção pessoal, mas algo socialmente construído. Assim, para esta pesquisa, foi tomado como ponto de partida para a designação do gênero o modo como as pessoas assim o denominam no mundo virtual. A partícula "argumentativo" foi acrescida pelo fato de esses comentários serem heterogêneos do ponto de vista discursivo, porém, o interesse desta pesquisa aplicada, de caráter didático, volta-se exclusivamente para os comentários argumentativos, aqueles que defendem, mesmo que brevemente (pois essa é uma das características desse gênero) um ponto de vista em relação a uma questão polêmica, controversa.

Dessa forma, para a primeira etapa da modelização, o estudo pautou-se, sobretudo, em aportes teóricos sobre o gênero "comentário jornalístico". Por mais que os estudos investigativos apresentem gêneros emergentes no contexto social atual, os textos produzidos no contexto digital são, segundo Bronckart (2006, p. 22), "essencialmente variantes de textos *standards*". Sendo assim, por mais que se considerem as características dos gêneros emergentes, os textos "padrões" foram os escolhidos para analisar inicialmente, para colocar em evidência as "regras de base" de organização do texto.

O "comentário" pode ser encontrado na esfera jornalística, mais especificamente no jornalismo opinativo (textos com opiniões explícitas – *comments*), pois este meio, de acordo com Melo (1985, p. 31), "constitui um ponto de partida seguro para descrever as peculiaridades da mensagem e permitir avanços na análise das relações socioculturais (emissor/receptor) e político-econômicas que permeiam a totalidade do jornalismo".

Melo (1985) afirma que a mensagem jornalística vem sofrendo mudanças significativas nos últimos séculos, devido às transformações tecnológicas que circulam no dia a dia da população, afetando sua maneira de comunicar-se, abrindo espaço para novos objetos de comunicação, como é o caso do gênero "comentário" que, por seguir às exigências das mudanças jornalísticas no que diz respeito ao processo de rapidez na divulgação das notícias, vem a informar rapidamente e resumidamente os fatos que estão acontecendo, pois este passou a ser o desejo do cidadão em querer orientar-se sobre o desenrolar dos acontecimentos.

Este gênero surgiu como tentativa de romper com o monopólio opinativo do editorial. "Enquanto o editorial se adstringe à emissão de opiniões sobre os fatos de maior importância, o comentário cumpre a tarefa de examinar fatos também significativos, mas de menor abrangência, com independência em relação à linha editorial" (MELO, 1985, p. 86).

Todavia, para ser apta a fazer comentários, segundo Melo (1985), a pessoa não tem que apenas acompanhar os fatos, mas também ser um observador disposto a descobrir certas tramas que envolvam os acontecimentos e depois disponibilizar essas informações à compreensão do público. Desse modo, quase sempre o comentarista é um profissional com uma bagagem cultural que consegue emitir opiniões e valores capazes de credibilidade, recebendo respeito e apreciação dos receptores e dos outros personagens do mundo da notícia. Entretanto, por mais que o comentarista possua sua própria opinião, ele atua como agente da notícia e não procura tirar vantagens do ocorrido, ou seja, ele "assume-se como juiz da coisa pública; orienta sem impor; opina sem paixão; conduz sem se alinhar" (MELO, 1985, p. 86).

Este mesmo autor afirma que

> [...] comentar é uma tarefa que pressupõe ancoragem informativa e perspectiva histórica. Sem dispor de dados concretos e de referencial analítico, o comentário corre o perigo de cair no vazio e fraudar o receptor. Afinal de contas, quem recorre ao comentário quer dispor de uma bússola para entender a contemporaneidade (MELO, 1985, p. 89).

Mas afinal, o que é o comentário?

Na visão de Melo (1985), o comentário tem sua própria especificidade enquanto estrutura narrativa do cotidiano. É um gênero que mantém uma ponte com a atualidade, sendo produzido em cima dos fatos que estão ocorrendo. Vem junto com a própria notícia. Por isso é difícil de ser realizado, exigindo um alto senso aguçado de observação no sentido de evitar falsos prenúncios. O comentário explica as notícias, seu alcance, suas circunstâncias, suas consequências, mas nem sempre o comentarista deixa sua opinião explícita. Seu julgamento é percebido pelo raciocínio que utiliza, pelos percursos da sua argumentação.

Além do mais, o comentário é contínuo, pois analisa certa ocorrência relacionando-a a fatos anteriores e fazendo projeções de possíveis desdobramentos. Esta prática exige do comentarista constante atualização de informações, para que possa estar sempre sintonizado com os fatos e o contexto em que ele atua (MELO, 1985).

Coelho (1992) corrobora com o autor supracitado ao elucidar que o comentário sugere um conhecimento de causa por parte do comentarista e que o gênero em questão se reporta a uma continuidade, remetendo o leitor a fatos passados, a acontecimentos presentes e, consequentemente, propondo, de maneira explícita ou implícita, que sejam feitas previsões. O autor enfatiza a importância da estruturação textual para deixar claro o embasamento teórico e o conhecimento que o comentarista detém acerca do tema apresentado.

Do mesmo modo, Melo e Assis (2016) apontam para a relevância dos aspectos definidores de um formato que se manifestam na superfície dos veículos, como, por exemplo, na assinatura ou, ainda, na condução dos argumentos (o artigo costuma ser mais direto em suas conclusões; o comentário age no sentido de orientar a audiência, levando-a a refletir), e acrescentam que sem o conhecimento de todos os elementos que compõem a estrutura dos formatos, é difícil analisá-los fielmente, assim como são maiores os obstáculos para seu aprendizado.

Esses autores ainda afirmam que há pouca diferença entre esses dois gêneros, pois ambos tratam de "textos assinados nos quais são expostos pontos de vista acerca de algo. A diferença circunstancial está mais além do fato de serem matérias argumentativas" (MELO; ASSIS, 2016, p. 52).

Os gêneros textuais do tipo argumentativo apresentam um plano geral básico, que os torna semelhantes na sua organização composicional, ou seja, pelo menos, dois componentes constituem o discurso argumentativo: a posição (ou tese), na qual o sujeito expõe sua defesa frente a uma questão polêmica, e a justificativa (ou sustentação), que é composta de argumentos selecionados, que têm como objetivo ser suportes da posição assumida pelo sujeito emissor. O discurso argumentativo pode, também, apresentar uma organização composicional mais complexa e ampliada, composta pela contraposição (oposição à posição) e pelo contra-argumento (argumento apresentado anteriormente coerente ao texto), que revelam a intenção do sujeito de, além de defender, negociar seu ponto de vista com o interlocutor (BARROSO, 2010).

Barroso (2010) elaborou um quadro que contempla, simultaneamente, a ocorrência dos componentes dos gêneros do argumentar, nos quais a marcação com asterisco (*) identifica as sequências textuais básicas que qualquer argumentação, independentemente do gênero textual, deve apresentar.

Quadro 1 – O discurso argumentativo

CONTEXTUALIZAÇÃO (contexto no qual emerge a questão polêmica)
QUESTÃO POLÊMICA (possível de ser traduzida em forma de pergunta)
POSIÇÃO/TESE* (posição adotada frente à questão polêmica)
CONTRAPOSIÇÃO (posição contrária à tese)
JUSTIFICATIVA* (argumentos e/ou contra-argumentos)
CONCLUSÃO (síntese ou convite à reflexão)

Fonte: Barroso (2010, p. 7).

Ainda acerca da estrutura do gênero "comentário", Coelho (1992) observa que é comum se começar o comentário com a expressão de uma opinião, sendo seguido de fatos que a comprovariam conforme a posição do comentarista. No final do texto, o argumento inicial seria retomado, propondo uma análise e uma ligação com acontecimentos do cotidiano expostos no texto.

Para Melo (1985, p. 88), o gênero "comentário" "estrutura-se em duas partes: a) síntese do fato e enunciação do seu significado; b) argumentação que sugere o seu julgamento". Muitas vezes, o comentarista utiliza frases curtas, através dos quais as informações precisas fluem com naturalidade, costurando o tecido do cotidiano.

Desse modo, percebe-se que a estrutura do gênero "comentário" inicia-se com a síntese do acontecimento, mas de modo opinativo, no qual são inseridas informações para embasar o noticiado, bem como argumentos, mas sem explicitar o lado opinativo do comentarista, pois este deseja que o receptor crie seus próprios julgamentos.

Um grande desafio na esfera jornalística é a identificação e a classificação dos formatos que vão surgindo conforme o próprio desenrolar da atividade. Do jornal, o comentário ganha a televisão, o rádio e, mais tarde, a internet. E é do tratamen-

to primário da informação que as "sub-rotinas" dos gêneros se desdobram (MELO, 1985; MELO, ASSIS, 2016). Algumas conquistam validação, como é o caso dos "comentários em ambientes virtuais".

O Facebook (bem como outros *sites* de rede social) passou a fazer parte do cotidiano das pessoas, inaugurando uma nova forma de espaço público, onde os discursos emergem, se difundem e são legitimados (RECUERO, 2016).

Um espaço de escrita muito utilizado no Facebook é a atualização de *status* (ou simplesmente os atuais "*posts*[4]"), originalmente concebidas como um *microblogging*, no qual é constituído por mensagens curtas, projetadas para o autorrelato do que está fazendo, pensando ou sentindo naquele determinado momento, que só permite *posts* com até 200 caracteres. Os usuários do Facebook utilizam as atualizações de *status* para realizar inúmeras funções discursivas, como, por exemplo, expressar opiniões. E o interessante é que esta plataforma, por apresentar uma justaposição de espaços *online*, permite uma série de formas síncronas e assíncronas de interação em um mesmo espaço, que são o recurso de comentário (espaço para minifóruns de discussão); *upload* de fotos (informação não verbal), figuras e vídeos; e conexões intertextuais entre textos e recursos disponíveis *online* pela função "curtir" (BARTON; LEE, 2015). Isso estabeleceu uma nova forma de linguagem, no qual o discurso (ex.: "comentário de Facebook"), segundo Boyd (2010) *apud* Recuero (2016), passou a ser espaços públicos comunicativos com características híbridas, ou seja, espaços com interações cada vez mais públicas que ocorrem tanto na forma verbal quanto não verbal.

Recuero (2016) explica que o termo "discurso" utilizado por ela neste contexto compreende não só ao enunciado e sua construção, ele também está intrinsecamente ligado ao conjunto ideológico que se reflete nas afirmações dos usuários.

Essa reconfiguração dos objetos de comunicação em rede também é observada por Coscarelli (2016, p. 23), ao relatar que "a expansão das tecnologias da informação e comunicação vem transformando a vida em sociedade e alterando nossa relação com os textos".

As características dos *sites* de rede social podem ser enumeradas da seguinte maneira:

> A capacidade de a mensagem ser rapidamente difundida e ampliar sua visibilidade, escalando seu alcance (escalabilidade); a presença e permanência das mensagens publicadas no ciberespaço (persistência); a fácil reprodução dessas mensagens serem buscadas, encontradas e recuperadas por sistemas de busca ("buscabilidade") (BOYD, 2010 *apud* RECUERO, 2016, p. 19).

Graças à facilidade e rapidez de comunicação, pode-se produzir discursos de usuários em uma escala quase que incontrolável de fenômenos sociais que permeiam os dias atuais. Essa é ao mesmo tempo uma vantagem e desvantagem desse meio de comunicação, pois quando utilizado de maneira respeitosa e sábia, contribui positivamente à esfera comunicativa. Mas controlar esta veracidade é uma

4 *Post* significa postagem em Português e refere-se à publicação online em blog ou site (Fonte: https://www.dicionarioinformal.com.br/post/).

tarefa nada fácil para o usuário crítico. Isso confirma a importância do papel do comentarista, como relatado anteriormente (MELO, 1985; COELHO, 1992), pois além da busca pelos fatos verdadeiros, o comentarista também emite opiniões e valores, e estes devem ser capazes de credibilidade, para que seus receptores e toda a comunidade sejam, de fato, respeitados.

Junto à fidedignidade e à credibilidade do comentarista, estão sua conduta e ética no mundo virtual, ou seja, como ele se comporta nas novas formas de interação que são as redes sociais. É o que afirma Giddens (1991) ao mencionar a importância da netiqueta na construção de novas identidades e de novas relações advindas da reflexividade do sujeito diante das novas tecnologias. Segundo o autor, devido à rapidez de propagação da informação e da sistematização dos conhecimentos científicos, a reflexividade frente à modernidade parece se radicalizar, mas é preciso mecanismos de vigilância, como a netiqueta, para que haja controle indireto da informação que circula nos ciberespaços.

O termo netiqueta é formado pela junção da palavra *net*, que significa rede de computadores, com a palavra etiqueta, conjunto de normas de comportamento sociais que denotam boa educação. A netiqueta abrange regras estabelecidas por Shea (1994) para facilitar as relações humanas mediadas pelo uso da *internet*.

Assim, pode-se concluir que é extremamente relevante abordar o gênero "comentário do Facebook" no âmbito escolar, de modo a conscientizar os alunos de que comentar é uma tarefa séria que exige um fundamento informativo e um senso observador e ético por parte do comentarista. Isso é o que Dudeney et al. (2016, p. 17) chamam de educação por meio de redes pessoais de aprendizagem, ou projetos colaborativos baseados na inteligência coletiva, mais conhecidos também por letramentos digitais[5], cujo objetivo é "desenvolver um retrato mais claro das competências necessárias para os alunos poderem participar de economias e sociedades pós-industriais digitalmente interconectadas".

A seguir, é apresentada a síntese do *modelo teórico* do gênero "comentário argumentativo do Facebook", seguido de uma análise do *corpus* da modelização. Depois, é exposto um protótipo do modelo didático que pode ser trabalhado em um projeto de comunicação, ou seja, como instrumento de articulação entre os saberes científicos do gênero e os saberes a ensinar.

1.2 A DESCRIÇÃO DO GÊNERO, PARA FINS DE DIDATIZAÇÃO

O comentário consiste em um gênero textual que analisa determinado assunto, uma questão polêmica, uma obra publicada, entre outros objetos, tecendo considerações avaliativas. Sua estrutura é relativamente livre, pois depende das intenções do autor, do interlocutor que almeja atingir e do veículo no qual será publicado (KÖCHE et. al, 2017). No caso específico do "comentário do Facebook", observou-se que estes variam muito de acordo com o contexto dos *posts* (atualização de *status*).

5 Letramentos digitais são habilidades individuais e sociais necessárias para interpretar, administrar, compartilhar e criar sentido eficazmente no âmbito crescente dos canais de comunicação digital (DUDENEY et al., 2016, p. 17).

Na pesquisa exploratória, a partir da seleção do *corpus* (Figura 1), é possível observar que há, basicamente, dois tipos diferentes de comentário.

Figura 1 - Diferentes tipos de "comentários do Facebook"

Exemplo 1	Exemplo 2
	

Fonte: www.facebook.com

O conteúdo desta postagem do Facebook, no exemplo 1, está relacionado a uma informação pessoal (foto). Neste caso, a maioria dos comentários é do tipo textual descritivo que, de acordo com Köche et. al (2017, p. 21), consiste na exposição das propriedades, qualidades e características do objeto, possibilitando ao leitor a visualização do objetivo apresentado, que passa a ser concebido mentalmente, a partir de um processo linear de observação. Nesta tipologia, observa-se a presença de adjetivos ou locuções adjetivas (destacados de azul) e advérbios, além da predominância dos verbos de estado tanto no presente quanto no pretérito imperfeito do indicativo. Já na postagem do exemplo 2, que aborda um assunto polêmico (aborto), os comentários se voltam para a esfera argumentativa, que, segundo Köche et. al (2017, p.53), se vale da argumentação para analisar, avaliar e responder a uma questão controversa. Nesse gênero, a tipologia textual é de base argumentativa, pois apresenta um ponto de vista, sustentado pela argumentação (destacado de vermelho); a linguagem utilizada geralmente é comum, com vocabulário fácil e sintaxe simples, além do tempo verbal estar no presente do indicativo.

A partir do *corpus* acima analisado, pode-se observar que se o conteúdo da postagem é relacionado a uma informação mais pessoal e informal (fotos, relato de atividades, citações, etc.), geralmente os comentários são da esfera descritiva, com presença de adjetivos ou locuções adjetivas e advérbios, que explicitam a opinião do comentarista, ao apresentar os fatos como a informação, enquadrando-os em um respectivo contexto, relacionando-os através de uma interpretação, em outras palavras, elabora-se um juízo de valor sobre o objeto (*post*) selecionado, mas sem trazer a argumentação para justificar sua opinião. Já os conteúdos mais polêmicos (pensamentos, *memes*, notícias, ou qualquer outro objeto de comunicação que envolva um assunto controverso), os comentários carregam um cunho argumentativo, que visam a justificar a posição do comentarista frente uma situação; sendo assim, a tipologia textual de base neste gênero, segundo Köche et. al (2017, p. 53), é a dissertativa, porém, pode haver também o emprego de outras sequências textuais a serviço da argumentação, principalmente a descrição, para mostrar o objeto, e a narração, para relatar fatos.

Em suma, a análise desse *corpus* revela dois tipos do "comentário do Facebook", os quais serão classificados e denominados em: 1) "comentário descritivo do Facebook" e 2) "comentário argumentativo do Facebook".

A presente pesquisa, portanto, terá foco no segundo tipo de comentário: o "comentário argumentativo do Facebook", visto que o mesmo apresenta *características argumentativas* (cf. BARROSO, 2010) e, assim, envolver discussão de assuntos polêmicos que implicam a opinião e a justificativa, a fim de trabalhar o discurso argumentativo com os alunos. Além disso, este tipo de comentário permite ao professor trabalhar a respeito da netiqueta, dentro da questão das responsabilidades do comentarista (cf. MELO, 1985; COELHO, 1992).

O "comentário argumentativo do Facebook" orienta-se pelo mundo do **argumentar**, por discutir assuntos sociais controversos que implicam sustentação, refutação e negociação de tomada de posição; o argumento expõe seu ponto de vista e, ao fazê-lo, elabora justificações em favor de uma posição tomada (DOLZ;

NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004 – grifo nosso). A situação argumentativa criada caracteriza-se, segundo Souza (2009), pelos seguintes elementos: a) o início dá-se por meio de uma controvérsia ou desacordo; b) o argumentador busca convencer o interlocutor a mudar de opinião, para isto, ele procura apresentar fatos para embasar sua posição e, às vezes, até apela para seus sentimentos; c) o argumentador deve conhecer e antecipar a posição do destinatário e, com base nele, fazer sua argumentação.

Além da situação de comunicação, o discurso argumentativo também depende do objetivo que o argumentador pretende alcançar. Para isso, ele realiza as seguintes operações: a) de apoio argumentativo, que utiliza uma parte do discurso para justificar sua posição; b) de refutação, que consiste em rebater globalmente a opinião do receptor; c) de negociação, que faz uso das próprias razões do adversário para chegar a uma conclusão oposta (DOLZ, 1995).

Visto que a argumentação se desenvolve na interação, é difícil planejar uma organização, pois os argumentos vão depender do objetivo da situação apresentada, das características do destinatário e da tese que se quer defender.

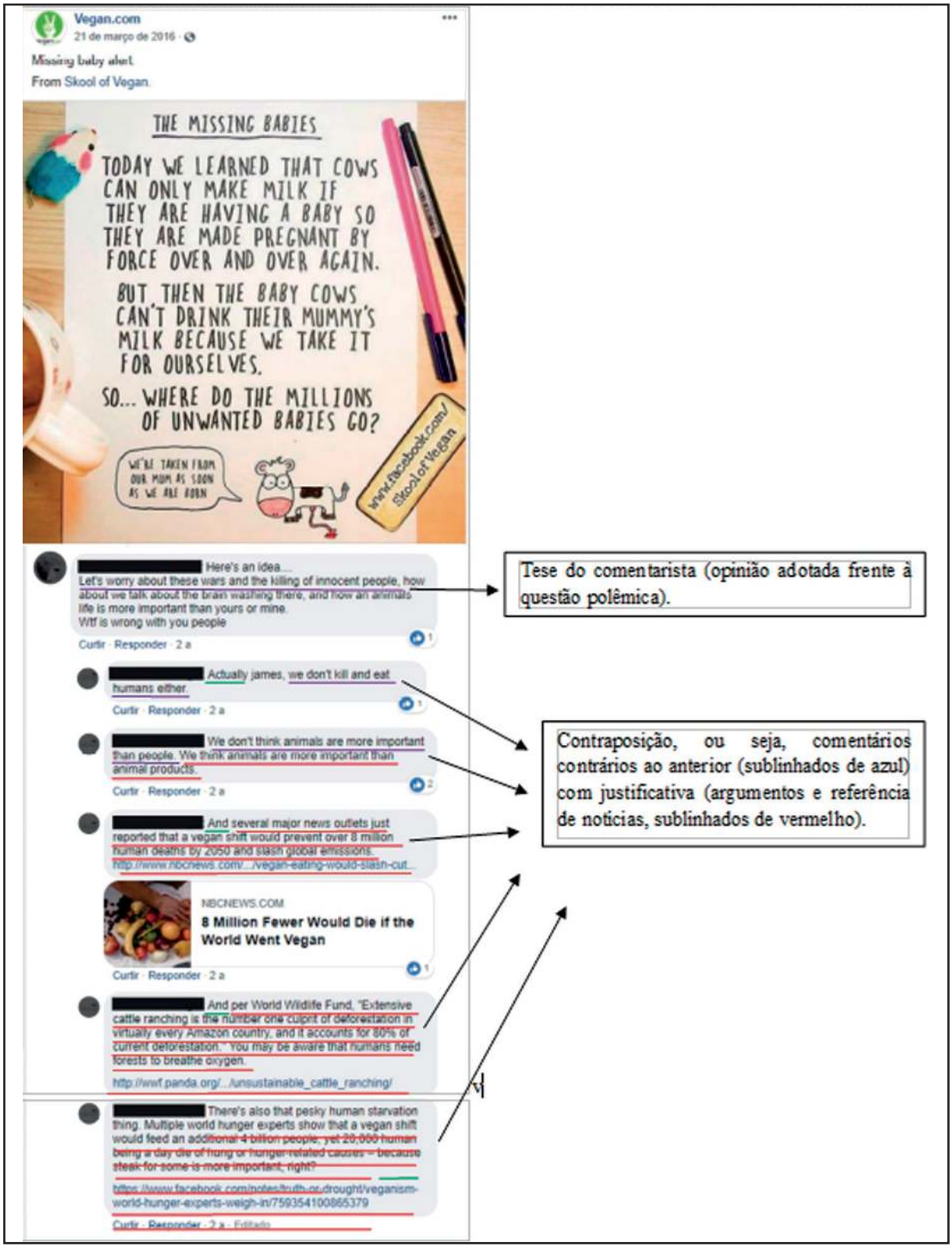
Além da tese e da justificativa, da contraposição e da contra-argumentação, que são elementos fundamentais em um comentário, os operadores argumentativos também são essenciais na produção de textos argumentativos, pois, para Köche (2017, p. 103), eles "estabelecem relações entre os segmentos do texto: orações de um mesmo período, períodos, sequências textuais, parágrafos ou parte de um texto". São as preposições, os advérbios, as conjunções, as locuções prepositivas, adverbiais e conjuntivas, além dos denotadores de inclusão e de exclusão. Os operadores argumentativos servem para orientar a sequência do discurso, ou seja, para determinar os encadeamentos possíveis com outros enunciados capazes de continuá-lo. Em inglês, esses operadores argumentativos são as *conjunctions* (conjunções), também denominados por *linking words*, como consta no Cambridge Online Dictionary[6]: "conjunctions are linking words like *and, or, but, then* and *because*".

No *corpus* coletado (Figura 2) para o processo de modelização, foi verificado que os modelos de "comentário argumentativo do Facebook" disponíveis apresentam uma estrutura argumentativa, uma vez que discutem problemas sociais controversos, e solicitam a contraposição e a contra-argumentação para sustentar a opinião. Desse modo, o gênero analisado é posto como algo controverso, passível de várias opiniões, pontos de vistas, tendo a necessidade de levantar argumentos em sua negociação, além de fazer uso de alguns operadores argumentativos para orientar o discurso.

A seguir, a título de exemplo, alguns dos comentários de uma postagem do Facebook são apresentados, cuja função inicial é defender um ponto de vista a respeito de um assunto polêmico, por meio de um cartaz.

6 Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/gramatica/gramatica-britanica/linking-words-and-expressions/conjunctions>. Acesso em: 25 set. de 2018.

Figura 2 - Postagem do Facebook e alguns comentários.



Fonte: www.facebook.com

No primeiro comentário, é possível observar a tese do comentarista, ou seja, sua posição adotada frente à questão polêmica (grifo azul). Nos comentários seguintes, a argumentação passa a contar com contraposição: para justificar sua posição contrária a do primeiro comentário, os comentaristas fazem uso da justificativa por meio de argumentos (grifo vermelho) e até trazem notícias para justificar sua posição na tentativa de persuadir o interlocutor que se opõe a sua opinião.

Além das sequências textuais básicas apresentadas no discurso argumentativo, é possível notar a presença dos operadores argumentativos (grifo verde) de modo a indicar a argumentatividade dos enunciados nos comentários analisados.

Outro fator relevante em relação ao gênero "comentário" é a questão do papel do comentarista, que além da busca por justificativas (argumentos), este também emite opiniões e valores, e devem ser capazes de credibilidade. Sendo assim, o respeito e a ética são vertentes fundamentais para uma boa relação de comunicação nas redes sociais.

Por meio dos exemplos do *corpus* analisado, foi possível verificar que o "comentário argumentativo do Facebook", aquele que aborda assuntos controversos, faz parte do discurso argumentativo, e este, por sua vez, traz duas características básicas, a tese e a justificativa, e quando mais complexo, contempla, também, a contraposição e o contra-argumento. E para indicar a argumentatividade do discurso, é comum notar a presença de operadores argumentativos. Sendo assim, para a elaboração do modelo didático deste projeto, que será apresentado mais adiante, foi mantida a fase de elaboração do referente textual. Isso porque, pareceu que essa era uma oportunidade de trabalhar com os alunos a elaboração de argumentos com credibilidade. A postagem no *status* do Facebook é o início da discussão de certo problema social controverso, que geralmente acompanha os comentários dos usuários. Ou seja, percebeu-se, nessa etapa da elaboração do comentário, uma dimensão ensinável do gênero que poderia ser explorada. Conhecimento esse transferível para outros gêneros, uma vez que muitos gêneros escritos possuem uma discussão inicial, quase sempre, formada por argumentos.

A seguir, será apresentado um quadro-resumo do processo de modelização teórica do gênero "comentário argumentativo do Facebook".

Quadro 2 - Modelo teórico do "comentário argumentativo do Facebook": características contextuais

Características contextuais do "comentário argumentativo do Facebook"
Prática social: refere-se à prática de emitir opiniões na rede social, para tentar defender um posicionamento em relação a uma questão polêmica, a partir de postagens de terceiros ou postagens próprias.
▪ Gênero escrito, de caráter público, pertencente ao mundo virtual.
▪ Escrito por um cidadão virtual, mas não anônimo, que deve se responsabilizar pelo dito.
▪ Dirigido à sua rede de amigos do Facebook, interessado no tema, "aberto" a uma opinião tanto para aceitá-la quanto para contrapô-la.
▪ Texto produzido com o objetivo de emitir uma opinião e convencer o leitor a aderi-la.
▪ Estabelece com o leitor uma relação argumentativo-persuasiva.
▪ O conteúdo temático está relacionado ao problema-alvo da postagem.
▪ Busca despertar a reflexão sobre o tema e conduzir à tomada de consciência/decisão/opinião.
▪ Trata de temas polêmicos, de interesse da comunidade virtual ao qual o emissor faz parte.
▪ A relação entre comentarista e destinatário pode variar, dependendo do nível de intimidade que tenham e da discussão. Geralmente é de ordem informal, por se tratar de um veículo em circulação via internet dentro de uma rede de amigos.

Quadro 3 - Modelo teórico do "comentário argumentativo do Facebook": características discursivas

Características discursivas
▪ Gênero da ordem do expor argumentativo.
▪ Escrito em primeira pessoa do singular.
▪ A linguagem é comum, com vocabulário fácil e sintaxe simples.
▪ O enunciador se dirige ao destinatário de maneira formalizada ou informalizada, isso depende do nível de intimidade entre eles e da discussão.
▪ Por veicular em uma rede social, sempre haverá identificação do emissor e da sua procedência.
▪ Caracteriza-se, normalmente, por ser um texto de curta extensão, por isso, a argumentação não é complexa como num artigo de opinião, por exemplo.
▪ Esquematicamente, o plano textual geral apresenta a tese (opinião adotada frente à questão polêmica), que pode vir ou não acompanhada da justificativa (argumentos); quando mais complexo, o texto pode apresentar contraposição e contra-argumentos.

Quadro 4 - Modelo teórico do "comentário argumentativo do Facebook": características linguístico-discursivas

Características linguístico-discursivas
▪ Por ser um gênero argumentativo, são utilizadas muitas retomadas nominais, assim como operadores argumentativos, que são as conjunções (em inglês são as linking words).
▪ O tempo verbal de referência é o presente, uma vez que se deseja expor algo da ordem do aqui-agora, porém é comum utilizar o pretérito perfeito para relatar o problema-alvo e o imperfeito para descrevê-lo (ora são estratégias conjugadas, ora são estratégias tomadas separadamente).
▪ Os substantivos e adjetivos são abundantes e são escolhidos a partir dos padrões de afetividade do comentário.
▪ O tom do texto tem caráter opinativo (Se por um lado..., por outro há também que se considerar...), mostrando que quem está expondo seu ponto de vista busca refutar o adversário para persuadi-lo.
▪ Realizam-se retomadas anafóricas por pronomes, outros nomes, hiperônimo, sinônimo, elipse, repetições do mesmo nome.
▪ Utilizam-se conectivos lógicos devido à argumentação/convencimento.
▪ Emprega-se a variedade linguística padrão, porém a linguagem coloquial e gírias são muito comuns em redes sociais.
▪ Pontuação: por se tratar de um ambiente informal, a pontuação não segue a norma padrão. Há presença, também, de emojis para expressar sua posição frente ao contexto.
▪ Por vezes podem aparecer as aspas não como marca de discurso direto, mas de ênfase em uma palavra (eufemismo ou não).
▪ Tom objetivo e até de poder, devido ao convencimento.
▪ A presença de ironia depende do texto e do articulista.

A seguir, é apresentado em um plano visual do "comentário do Facebook" que traz, esquematicamente, a síntese do *modelo didático* construído por esta pesquisa.

Figura 3 - Síntese do modelo didático do "comentário argumentativo do Facebook"



Fonte: www.facebook.com

Esse modelo didático teve como norte os princípios de *legitimidade*, *pertinência* e *solidarização* postulados por Schneuwly e Dolz (2004).

No que diz respeito à *legitimidade*, procurou-se pautar nos modelos disponíveis nas redes sociais, da forma como foi exposto em seção anterior, seguindo os princípios de *pertinência*, ou seja, relacionar o modelo didático ao contexto de intervenção deste projeto.

Nesse sentido, a modelização pautou-se principalmente no que diz respeito à sequência argumentativa, com foco na contraposição e contra-argumentação, por entender que a prioridade seria que os alunos internalizassem o processo argumentativo mais complexo, bem como compreendessem o papel do comentarista no mundo virtual e a questão na netiqueta.

Quanto ao princípio de *solidarização*, ou seja, à articulação entre teor didático e teórico do gênero, é preciso pontuar que, embora no neste modelo apareçam conceitos semelhantes trabalhados pelo ISD, como "artigo de opinião", em nenhum momento a intenção foi trabalhá-los teoricamente com os alunos. Eles servem apenas para direcionar o olhar do professor para uma *dimensão ensinável do gênero* que precisa ser colocada em evidência no processo de ensino, mas não necessariamente conceituada teoricamente, explorada por si mesmo, uma vez que o contexto de intervenção e os objetos propostos apontam para outra direção.

Como pontua Bronckart e Dolz (2004, p. 39), os *modelos didáticos* são modelos "provisórios capazes de evoluir, e não prejulgam as formas efetivas do ensino, apenas abrem um leque de possibilidades". Na verdade, eles contribuem para esclarecer as *dimensões ensináveis* do gênero, para um determinado contexto de ensino, levando-se em conta objetivos específicos para uma dada intervenção didática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No processo de modelização do "comentário argumentativo do Facebook", durante a pesquisa bibliográfica e documental, as análises revelaram que os comentários apresentavam dois tipos diferentes: 1) "comentário descritivo do Facebook" e 2) "comentário argumentativo do Facebook". A partir deste ponto, optamos em focar no segundo tipo, por apresentar um teor argumentativo e isso oportunizar debates de assuntos polêmicos que envolvam alguma necessidade comunicativa dos alunos. Essa distinção foi importante tanto para entender o funcionamento do gênero como para elaborar o modelo teórico (cf. Figura 3), que pode servir de apoio à elaboração de inúmeros materiais didáticos, pois acreditamos que a opção por organizar o ensino em torno de gêneros textuais pode propiciar uma ação social efetiva, aproximando o professor das necessidades específicas dos alunos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo Martins Fontes, 1997.

BARROSO, T. Práticas de leitura, escrita e oralidade em gêneros textuais: a argumentação. *Janela de ideias*, PUC-Rio, p. 1-15, 2010.

BARTON, D.; LEE, C. *Linguagem online*: textos e práticas digitais. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BRONCKART, J. C. *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Campinas: Mercado das Letras, 2006

____; DOLZ, J. A noção de competência: qual é a sua pertinência para o estudo da aprendizagem? In: Dolz, J.; OLLAGNIER, E. (Org.). *O enigma da competência em educação*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

COELHO, M. F. S. Comentário. In: *Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo*. Colaboradores. São Paulo: FTD, 1992.

COSCARELLI, C. V. *Tecnologias para aprender*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

DE PIETRO, J.-F.; ERARD, S.; KANEMAN-POUGATCH, M. Un modèle didactique du "débat": de l'objet social à la pratique scolaire. *Enjeux*, v. 39/40, p. 100-129, 1996/1997.

DOLZ, J. Escribir textos argumentativos para mejorar su compreension. *Comunicación, Linguaje Y Educación*. 25, (s.l.): 65-75, 1995.

____; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. et al. (Org.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

DUDENEY, G.; NICKY, H.; PEGRUM, M. *Letramentos digitais*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 1991.

KÖCHE, V. S; BOFF, O. M. B.; MARINELLO, A. F. *Leitura e produção textual*: gêneros textuais do argumentar e expor. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MELO, J. M. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis, Vozes, 1985.

____; ASSIS, F. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. *Intercom – RBCC*. São Paulo, v.39, n.1, p.39-56, jan./abr. 2016.

RECUERO, R. Discursos mediados por computadores nas redes sociais. In: ARAÚJO, J.;

LEFFA, V. *Redes sociais e ensino de línguas*: o que temos de aprender? 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (Org.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SHEA, V. *Netiquette*. San Francisco: Albion Books, 1994.